



QD 07 - Área Especial 01 Cruzeiro Velho

(61) 3964-8624 / 3233-2527

www.adcruz.org/ebd

Presidente: Pastor João Adair Ferreira

Dirigente e Consultor Doutrinário: Pastor Argileu Martins da Silva

Superintendente: Presbítero Jorge Luiz Rodrigues Barbosa

Lição 01

03 de Julho de 2011

Anônimos e atalaias de Deus

Texto Áureo

"Filho do homem, eu te dei por atalaia sobre a casa de Israel; e tu da minha boca ouvirás a palavra e os avisarás da minha parte". **Ez 3.17**

Verdade Aplicada

O atalaia deve ser usado por Deus, sendo sincero com espiritualidade e temor, um vigia fiel que avisa sobre o perigo que se aproxima sem vender o seu ministério.

Objetivos da Lição

- ▶ Conhecer o atalaia de Deus;
- ▶ Compreender que os anônimos são usados como atalaias;
- ▶ Aprender a identificar o verdadeiro atalaia de Deus.

Textos de Referência

Ez 3.16 E sucedeu que, ao fim de sete dias, veio a palavra do Senhor a mim, dizendo:

Ez 3.17 Filho do homem, eu te dei por atalaia sobre a casa de Israel; e tu da minha boca ouvirás a palavra e os avisarás da minha parte.

Ez 3.18 Quando eu disser ao ímpio: Certamente morrerás; não o avisando tu, não falando para avisar o ímpio acerca do seu caminho ímpio, para salvar a sua vida, aquele ímpio morrerá na sua maldade, mas o seu sangue da tua mão o requererei.

Ez 3.19 Mas, se avisares o ímpio, e ele não se converter da sua impiedade e do seu caminho ímpio, ele morrerá na sua maldade, mas tu livraste a tua alma.

O atalaia silencioso Ez 3:16-27

16-21. Assim como Habacuque se postou na sua torre de vigia (Hc 2:1), assim também Ezequiel é nomeado *atalaia* para o povo de Israel (17). A expressão empregada é

literalmente: "Dei-te para ser atalaia," o que significa que a nomeação de Ezequiel como profeta para avisar os exilados acerca da sua ruína iminente era, na realidade, um ato de graça da parte de Deus. O termo *atalaia* era comum para os verdadeiros profetas de Javé (cf. Is 56: 10; Jr 6: 17; Os 9:8). A função deles era ficar alerta à situação em derredor deles, escutar a palavra de Deus sempre que ela vinha a eles, e repeti-la ao povo com exatidão. Inevitavelmente isto significava que, tão frequentemente como o contrário, os profetas agiam como mensageiros de julgamento para um povo pecador, e Ezequiel não era exceção. **Sua mensagem dizia respeito às consequências sérias do pecado.** Para o perverso, ou seja, o homem que não temia a Deus e vivia uma vida de desafio aberto aos Seus mandamentos, sua mensagem era: *Certamente morrerás* (18). O justo também precisava de ser avisado: se estava se desviando do caminho da justiça, precisava de uma advertência tanto quanto o perverso, e ainda que estivesse conservando-se na sua justiça, continuava necessitando do ministério constante de ser advertido a não pecar. O santo precisa dos avisos do atalaia tanto quanto o pecador.

Dizer, no entanto, que Ezequiel, mediante as suas advertências, salvaria a sua *alma* (19, 21) é muito enganoso. A palavra hebraica *nepes* tem uma vasta gama de significados, desde "garganta" até "pessoa," mas significa "alma" somente no sentido em que chamamos uma pessoa de "uma alma." O hebraico não tem conhecimento de alma como uma parte constituinte do homem. O homem era *nepes*, uma pessoa, uma unidade. A RSV, portanto, tem razão em traduzir "tu terás salvo a tua vida."

O que se quer dizer com o *justo* (20)? Devemos tomar o cuidado de não atribuir a doutrina do Novo Testamento ao Antigo e interpretar esta palavra à plena luz da justificação paulina. O *justo* (heb. *saddiq*) era essencialmente o homem que demonstrava, pela sua vida virtuosa, lealdade à aliança. Nem é preciso lembrar que era obediente na realização das observâncias religiosas necessárias, mas os profetas do século VIII deixam claro que muitos as realizavam com entusiasmo, e estavam longe de serem justos. Mesmo assim, dentro da esfera da comunidade da aliança, que incluía todos os israelitas, alguns seriam considerados como "tendo justiça" diante do tribunal imaginário da justiça de Deus, e assim possuiriam a retidão (heb. *sedeq*), ao passo que outros seriam condenados e classificados com os perversos. Não havia nenhuma regra prática fácil para guiar o homem em fazer esta avaliação, e não podia, portanto, haver qualquer coisa que se aproximasse de uma doutrina cristã da segurança. Ser atrevido para com a aliança era conhecidamente o primeiro passo no caminho para a condenação. Reduzida a uma base mínima, a qualificação para a justiça era a observância dos Dez Mandamentos, as estipulações da aliança. Na prática, porém, estes eram bem pouco observados, e as exigências culturais da lei mosaica recebiam, proporcionalmente, muito mais consideração; de modo que cada um dos profetas tinha de reiterar as exigências morais e espirituais da aliança para o benefício de uma geração mal ensinada. Destarte, as exigências constantes da justiça de Deus eram expostas: "Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos: cessai de fazer o mal. Aprendei a fazer o bem; atendei à justiça, repreendei ao opressor; defendei o direito do órfão, pleiteai a causa das viúvas" (Is 1: 16-17). Ou, ainda: "Buscai o bem e não o mal . . . Aborrecei o mal e amai o bem, e estabelecei na porta o juízo: talvez o SENHOR, o Deus dos Exércitos, se compadeça do restante de José" (Am 5: 14-15). Ou, ainda: "Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o SENHOR pede de ti, senão que pratiques a justiça e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus?" (Mq 6: 8). Este não era nenhum ensino novo, pelo contrário, era uma chamada de retorno às exigências de Javé, o Deus de Israel, conforme a antiga aliança, que teve sua origem nos dias de Moisés e do monte Sinai. Era uma exigência de ações justas que refletiriam um coração (i.é, a totalidade da personalidade, abrangendo a mente, a vontade, as emoções e as atitudes) humilde diante de Deus e um estado de paz (heb. *sâlôm*) com Ele. Tendo em vista este fato, fica claro que não se pensava na justiça

como uma característica indelével: podia ser por demais facilmente perdida, e então, os atos justos prévios do homem não valeriam nada.

O aviso que dizia que o perverso *morreria* tinha uma referência puramente temporal. Dentro dos limites de nossa compreensão, Ezequiel provavelmente não tinha um conceito claro sobre a ressurreição, e muito menos da vida eterna; e a ameaça inerente nesta palavra de advertência era que o perverso teria uma morte precoce ou violenta. A morte que vinha no fim de uma vida longa não era adversidade alguma, especialmente se o homem tinha filhos e netos para continuar seu nome após ele. Mas uma vida curta e um fim precoce eram castigos mesmo. Se isto acontecesse como resultado da falta de profeta quanto a cumprir seu dever de advertir o perverso a se converter dos seus caminhos, Deus disse: *O seu sangue da tua mão o requererei* (18, 20). Esta alusão ao princípio expressado em Gênesis 9:5-6 subentende que, assim como o sangue de um homem assassinado exigia a retribuição por meio do parente próximo vingar-se do assassino, assim também um homem que morria sem ser avisado em tempo seria considerado virtualmente a vítima de um assassinato cometido pelo atalaia que fracassara no seu dever. **A questão é colocada metaforicamente, é claro, mas nem por isso deixa de enfatizar a responsabilidade esmagadora confiada a Ezequiel.** A responsabilidade do cristão no sentido de avisar uma geração perdida não é, por certo, menos aterrorizadora.

A palavra *tropeço* (20; heb. *miksól*), como seu equivalente no grego do Novo Testamento, *skandalon*, significa uma "ocasião para tropeçar," ou literalmente, ou num sentido ético. Não indica aqui que Deus deliberadamente se propõe a derrubar o justo e fazê-lo estatelar-se no chão, mas, sim, que deixa oportunidades para o pecado nos caminhos dos homens, de maneira que, se seu coração está decidido no sentido de praticar o pecado, poderão fazê-lo, e assim merecer a sua condenação. Não há nenhum sentido em que o tropeço é inevitável: sempre envolve a escolha moral, e havia, também, a palavra de advertência da parte do atalaia para indicar onde estavam os tropeços e o que eram.

22-27. Mais uma vez sob o efeito do êxtase, Ezequiel *sai para o vale*. A palavra significa literalmente uma "fenda," e, portanto, uma área entre montanhas: alguns a traduziriam uma "planície no vale." É muito possível que se refira a uma localidade específica que Ezequiel frequentava nos seus períodos de solidão, e era, sem dúvida, o lugar onde haveria de ter sua visão do vale (a mesma palavra) dos ossos secos (cf. 37: 1).

A frase *a glória do SENHOR estava ali* (23) resume, não somente uma parte, mas, sim, toda a visão que o profeta vira no capítulo 1. A lembrança que permanecia não era dos equipamentos do carro-trono celestial, mas, sim, daquele que estava assentado sobre ele. Ezequiel também indica que esta era uma localidade diferente daquela da sua visão original *junto ao rio Quebar*.

Não fica claro se esta visão adicional da glória do Senhor aconteceu quase imediatamente depois da sua comissão para ser atalaia, ou se, entre os vv. 21 e 22, houve um período em que Ezequiel profetizou de acordo com os termos que lhe foram dados. Se assim fizera, isto explicaria a aparente inversão da sua comissão que os versículos seguintes contêm. Falara a palavra de advertência da parte de Deus; não lhe prestaram atenção; portanto, agora foi ordenado a ficar confinado à sua casa, e silencioso. A dificuldade é que a cronologia destes primeiros capítulos quase não deixa tempo algum para isto. A diferença entre as datas de 1: 1 e 8: 1 é de somente um ano e dois meses, e se esse período deve incluir os 390 dias de ficar deitado sobre o lado esquerdo para o castigo de Israel (4: 5), sobra pouquíssimo tempo para qualquer coisa senão um ministério brevíssimo como atalaia. Parece, portanto, preferível considerar 3:22-27 como o episódio final num período prolongado de comissionamento que durou vários dias, durante o qual aconteceram estas várias experiências culminantes, nas quais Deus falou para Ezequiel, e o curso e o padrão do seu ministério foram

paulatinamente revelados. Seria improvável que um profeta, numa só teofania, obtivesse a compreensão, não só da sua chamada, como lambem da sua mensagem e da terrível responsabilidade da sua tarefa, e da maneira em que deveria cumpri-la. Para Ezequiel, tudo isto veio por etapas, e somente quando foi alcançada a última etapa é que foi conclamado a fazer seu primeiro pronunciamento público no drama simbólico das obras de cerco contra Jerusalém (4:1).

Aqueles que defendem um ministério abortivo entre estas duas seções argumentariam que a frase *eis que porão cordas sobre ti* (25) refere-se ou a restrições físicas impostas sobre Ezequiel por seus oponentes, ou, metaforicamente, ao silenciar dos seus oráculos por formas de oposição menos violentas mas igualmente eficazes. O mesmo tipo de interpretação não pode, no entanto, ser atribuído à profecia de sua mudez, e, portanto, é melhor pensar numa restrição auto imposta do que numa causada pela oposição aos oráculos anteriores. A RSV interpreta desta maneira ao tomar o verbo "porão" como um plural impessoal, que denota voz passiva: "cordas serão postas sobre ti, e serás ligado com elas." É importante perceber que tanto o ligar com cordas quando a mudez "não eram para evitar o exercício da sua vocação, mas, pelo contrário, torná-lo apto para a realização bem-sucedida da obra que recebeu (Keil). As limitações impostas sobre ele eram parte integrante da sua mensagem: eram uma demonstração ritual ao povo de Israel que eram *casa rebelde* (26,27).

Farei que a tua língua se pegue ao teu paladar, ficarás mudo, e incapaz de os repreender (26). O silêncio não deveria ser total: de vez em quando, Deus falaria com o profeta, e permitiria que passasse adiante uma mensagem para seu povo. Esta mudez, portanto, não foi do mesmo tipo que aconteceu a Zacarias, pai de João Batista (Lc 1:20). Duraria um tempo limitado, até que a queda de Jerusalém fosse anunciada para os exilados cerca de seis anos mais tarde. Então chegaria ao fim (33:22). Outras referências ao fato ocorrem em 24:27 e 29:21, mas em nenhum outro lugar. Neste Ínterim, Ezequiel teve chance de fazer muitos pronunciamentos, alguns em conjunção com suas mensagens silenciosas, encenadas, e outros como simples oráculos diretos. Em certa ocasião (20: 3) recusou-se a responder a alguns anciãos que vieram a ele "para consultar o SENHOR," mas não o fez sem dar uma explicação completa das razões para não satisfazer a curiosidade deles. Noutras ocasiões em que os anciãos vieram para ele a fim de procurar seus conselhos, não há qualquer sugestão que não esperassem que ele lhes pudesse responder de maneira perfeitamente normal (cf. 8:1; 14: 1). Já notamos várias sugestões no sentido de Ezequiel sofrer de catalepsia ou dalgum distúrbio nervoso grave, é já vimos que nenhuma explicação deste tipo, que introduz a disfunção orgânica ou psicológica, soluciona de modo satisfatório os problemas levantados por uma aceitação literal destas palavras. É muito mais satisfatório e realista entender que esta é uma mudez ritual, ou seja: uma recusa divinamente ordenada de fazer pronunciamentos públicos, a não ser sob o impulso direto da palavra de Deus. Daquele momento em diante, Ezequiel seria conhecido unicamente como o porta-voz de Javé. Quando falava, era porque Deus tinha algo para dizer; quando ficava silencioso, era porque Deus estava silencioso.

As duas palavras hebraicas: *hassômêa' yismà'*, lit. "que o ouvinte ouça," ou "o que ouve ouvirá" (27), são o protótipo para a fórmula predileta do nosso Senhor: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça." A mensagem falada visa confirmar os homens na sua atitude para com o Deus que a inspirou: ou a escutarão e obedecerão, ou a desconsiderarão e serão condenados. A resposta do ouvinte é ditada pelo íntimo do seu ser.

Bibliografia J. B. Taylor

Ezequiel Designado Atalaia de Israel (3.16-21)

3.16

Outra Etapa da Missão. O profeta teve sete dias de descanso e meditação. Então, o poder de Yahweh o pegou novamente. Agora chegara o tempo de agir, pois a mensagem tinha de ser entregue aos exilados. A *comissão* do profeta foi renovada e ele sentiu grande responsabilidade de agir como um herói. O Targum nos informa aqui que "a palavra de profecia" foi dada a Ezequiel, nesta experiência; assim, ele ficou qualificado para agir como profeta de Yahweh.

3.17

Filho do homem. Yahweh frequentemente utilizou este título para referir-se ao profeta. Aquele fraco filho de homem seria feito o poderoso *atalaia* de Israel. Cf. Is 56.10; Jr 6.17 e Os 9.8, onde o mesmo título é empregado. Os atalaia se posicionavam sobre os muros da cidade, sobre topos de colinas, às vezes sobre torres de água ou instalações militares, pois precisavam de visão panorâmica. O trabalho deles consistia em avisar o povo sobre a aproximação de qualquer perigo. Eles serviam como protetores do povo e trabalhavam em favor do seu bem-estar. Ezequiel tornou-se o atalaia espiritual do pequeno remanescente de judeus no cativeiro babilônico. Um Novo Israel estava sendo preparado por seus esforços. Seu trabalho era "pequeno", mas tinha grandes implicações. O atalaia avisou o povo da chegada do julgamento, por causa de sua idolatria-adultério-apostasia. Ele deu instruções morais e espirituais. A figura do *atalaia* será repetida em Ez 33.2-6. Ver também I Sm 14.16; II Sm 18.24-27; II Rs 9.17-20 e Is 21.6.

3.18

As advertências espirituais dos vss. 18-21 não se referem à alma e à condenação eterna em uma vida além do sepulcro, embora, comumente, intérpretes utilizem este trecho com tal aplicação. Podemos fazer essa *aplicação*, porque as palavras são aptas a esse fim, mas o que está em pauta é a destruição pelas mãos dos babilônios. As palavras podem incluir a ideia de desastres, pragas e revoltas da natureza, que massacram a vida humana. A *vida* prometida aos obedientes e convertidos seria tranquila e longa na Terra Prometida, onde os habitantes teriam o privilégio de promover o culto a Yahweh, fonte de todas as bênçãos. Em outras palavras, o texto se refere à salvação temporal, não espiritual.

Casos Específicos:

1. **O primeiro caso** estipulado é o do homem pecaminoso, rebelde, apóstata (coletivamente, Judá-Jerusalém); este ímpio recebe a advertência de Yahweh. Os babilônios trariam a morte, que chegaria na forma de um imenso massacre. Presumivelmente, o próprio profeta pereceria com o povo. Além dos ataques dos babilônios, haveria doenças, desastres naturais e uma variedade espantosa de calamidades. Mas nada, no trecho presente, fala sobre a alma e o julgamento do outro mundo.

É óbvio que este texto não menciona nada sobre o problema da segurança do crente, embora alguns intérpretes o utilizem desta maneira. "A referência aqui é obviamente à morte física" (Charles H. Dyer, *in loc*).

3.19

2. **O segundo caso** é o reverso do primeiro (vs. 18). Se o profeta cumprisse sua missão, mas os desobedientes permanecessem rebeldes e morressem nessa condição, ele

entregaria sua vida por causas destas consequências. Cf. Is 49.4-5; At 20.26 e I Tm 4.16.

3.20

3. **O terceiro caso** é o do homem justo (segundo os padrões do Antigo Testamento, o homem que obedece à lei mosaica e participa do culto a Yahweh). Este homem cumpre seus deveres, mas finalmente *abandona* sua fé (como Judá fez quando correu atrás da idolatria de seus vizinhos). Este homem, ontem justo, agora é um ímpio como o resto da Judá apóstata; contra ele Yahweh agirá; sua bondade anterior não o ajudará nem um pouco. Com a iniquidade, ele *anula* sua condição anterior, cai e morre. Todavia, o ministro que o advertiu fica livre de sua culpa. O texto não se refere a um homem que ontem estava *salvo*, mas hoje está *perdido*, e, se morrer nesta condição, sofrerá julgamento eterno; esta é a interpretação de alguns ansiosos que querem um *texto de prova* para sua doutrina arminiana. O texto fala especificamente do golpe de morte do exército babilônico, que executou uma nação inteira e obviamente dos indivíduos daquela nação. A segunda morte não está em pauta.

Tropeço. Cf. Is 8.14; I Co 1.23; Rm 8.32-33; I Pe 2.8. A bondade que o homem praticou no passado não pode agir como um tipo de *crédito*, para evitar consequências desastrosas de uma vida pecaminosa presente. Ele não pode tirar algum dinheiro de seu banco espiritual e pagar os débitos de uma vida atual de apostasia. *A Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* garantirá que esse homem pague o que deve: ele morrerá.

3.21

4. **O quarto caso** é o do homem bom que se tornou melhor ainda. Os ensinamentos do profeta fiel o ajudaram; ele obedeceu aos mandamentos e agiu com justiça. Esse homem será poupado das calamidades que trazidas pelos babilônios. Ele também escapará aos castigos da natureza, não ficará doente, terá uma vida longa, saudável e próspera. É bom negócio ser bom. Cf. o sentimento do Novo Testamento:

Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo. (Hb 13.17)

Bibliografia A T I

A praia áurea

O número dos que nascem anualmente é trinta vezes maior que o dos que se filiam a igrejas cristãs.

Na África, enquanto os cristãos conseguem três conversões, os maometanos conseguem sete!

Cada negociante maometano é um missionário. Você pode vê-lo no causticante Sudão, na África Central, também na mata e nos rios. Não importa onde esteja, se compra ou vende; nunca deixa passar a oportunidade de propagar o seu credo. Por quê? Porque é maometano, e o seu negócio ou tarefa é disseminar a religião islamita.

Se Jesus Se demorar, os próximos dez ou vinte anos serão os mais importantes da história da humanidade.

As religiões falsas existem em grande número pelo mundo afora. O espírito nacionalista está fervilhando em todas as pátrias. O comunismo, a mais poderosa força já forjada pela astúcia satânica, ameaça varrer o cristianismo de sobre a face da Terra. A energia atômica ameaça destruir a civilização.

Forças sinistras estão a agir. Surgiram em cena movimentos colossais. A raça humana enfrenta a destruição.

Oh! amigo meu, evangelização é a ordem do dia, é necessário que se observe a hora que passa, e que somos a única esperança para essa geração.

Quase tudo que temos hoje devemos ao evangelismo. A maior parte dos que se converteram a Cristo foram salvos em campanhas de evangelização, ou em épocas de avivamento.

Como esperamos conservar — eu e você — esse nível de vida e de libertação se não evangelizarmos? Será que muito logo uma população atesta vai fazer baixar o prato da balança, começando a lançar nosso rosto de encontro a um muro de desesperança?

O amigo já leu Provérbios 24.11,12? São palavras penetrantes. Leia-as, se ousa.

Livra os que estão destinados à morte e salva os que são levados para a matança, se os puderes retirar. Se disseres: Eis que o não sabemos; porventura, aquele que pondera os corações não o considerará? E aquele que atenta para a tua alma não o saberá? Não pagará ele ao homem conforme a sua obra?

Você ouviu o que Salomão disse em Provérbios 3.27?:

Não detenhas dos seus donos o bem, estando na tua mão poder fazê-lo.

Ouçã o que nos diz o nosso Deus:

E, se abrires a tua alma ao faminto e fartares a alma aflita, então, a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia. (Isaias 58.10)

Que promessa bendita e gloriosa!

Mas, por outro lado, Deus solenemente nos adverte e avisa:

Filho do homem, eu te dei por atalaia sobre a casa de Israel; e tu da minha boca ouvirás a palavra e os avisarás da minha parte. Quando eu disser ao ímpio: Certamente morrerás; não o avisando tu, não falando para avisar o ímpio acerca do seu caminho ímpio, para salvar a sua vida, aquele ímpio morrerá na sua maldade, mas o seu sangue da tua mão o requererei. Mas, se avisares o ímpio, e ele não se converter da sua impiedade e do seu caminho ímpio, ele morrerá na sua maldade, mas tu livraste a tua alma. (Ezequiel 3.17,19)

Há anos, morou na Austrália um homem que trabalhou em regiões auríferas e ficou muito rico.

Ele, e outros mais que lá enriqueceram, regressavam à pátria num navio quando este sofreu um rombo. Perderam-se os barcos salva-vidas, e os náufragos desesperaram.

Aquele homem forte e musculoso achou que podia vencer as gigantescas ondas e chegar

a uma ilha próxima. Estava prestes a atirar-se na água, quando uma menina, cuja mãe sumira na tragédia, lhe perguntou: "O senhor pode me salvar?"

O homem olhou para o saco de ouro que trazia, e depois encarou a meninazinha. Depois olhou de novo sua fortuna em ouro, e novamente para a menina. A seguir, desembarçou-se do saco de ouro, e pôs a menina nas costas, e atirou-se ao mar.

Lutou até quase perder a vida, mas conseguiu alcançar a ilha.

No dia seguinte, quando o homem recobrou os sentidos, sentiu que a menina colocava seus bracinhos ao redor do seu pescoço, e o beijava, dizendo: "Estou muito contente porque o senhor me salvou". E o homem disse então que só aquele gesto dela valia mais que todo o ouro da Austrália!

Meu amigo, quando você chegar à fulgurante praia do céu, quem correrá para você, de braços abertos, para lhe dizer: "Obrigado! Obrigado! Bem-vindo! Bem-vindo! Contento estou porque você me possibilitou ouvir lá na terra o Evangelho de Jesus. É maravilhoso viver aqui nessas alturas!"

Será isto superstição? Imaginação? Não é, já que a Bíblia é a verdade.

O Apóstolo João viu uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono e perante o Cordeiro, trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos; E clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro (Ap 7.9,10).

Um novo cântico será entoado no céu a Jesus, o Cordeiro de Deus. E as palavras dele serão: Digno és porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação (Ap 5.9).

Quantos deles estarão no céu para entoar esse cântico, porque você, leitor amigo, sacrificou-se para os alcançar com o Evangelho?

Jamais esquecerei duma noite em que, preguei na entenebrecida Tegolândia. Milhares de ouvintes estavam assentados na grama de um campo diante de mim.

Estando a pregar, uma mulher, bastante idosa e toda enrugada, se ergueu, e, falando alto, abriu passagem por entre o povo, e veio até à frente do tablado. Uma vez na frente, agarrou-se às minhas calças, para chamar minha atenção.

Olhei para baixo e vi que ela estava a chorar quase convulsivamente.

Indaguei: "Que é que há, mãe?"

Então ela, em grande emoção e a soluçar, expressou-se por meio de gestos.

O intérprete explicou: "Ela quer que o senhor fique sabendo que ela pertence a uma povoação pagã e entenebrecida, onde a luz de Cristo não raiou ainda; ela diz que fica muitíssimo agradecida ao senhor por haver trazido as Boas Novas de Jesus e do Seu amor a uma velha, como ela, sem valia alguma. Diz que será sempre agradecida, e que se apressará em ir contar a outros habitantes da povoação dela todas as Boas Novas que aqui ouviu".

Logo depois, aquela velha senhora voltou ao seu lugar, a chorar de alegria, e se assentou, para ouvir algo mais da história do Redentor Jesus.

Certamente, logo encontrarei aquela velhinha na praia dourada da eternidade.

As palavras daquela querida, e velha mãe africana, valem tudo quanto eu possa fazer, gastar ou dar para levar o Evangelho aos perdidos.

E há milhões de pessoas nas condições dessa velha africana, a esperar por você e por mim, para que lhes levemos a mensagem da Salvação.

Que é que você vai fazer para acudir à necessidade do perdido? Que é que vou fazer?

Posso fazer mais? Sim, creio que posso e que devo fazer mais. E você?

Bibliografia T. L. Osborn

Fonte: <http://www.ebdareiabranca.com/>